

O “vazio cultural” ou o pré-modernismo em Antonio Candido

RESUMO

O presente artigo tem como proposta analisar a forma como Antonio Candido, um dos mais renomados críticos e ensaístas de nossa literatura, historiografou e analisou o período conhecido pelos estudos literários como pré-modernismo e/ou período pós-romântico. Tal estudo tem entre seus objetivos compreender quais foram as principais características atribuídas pelo crítico ao ‘movimento’, assim como entender de que forma elas se aproximam ou se distanciam de outras análises realizadas sobre o período – tanto àquelas que antecedem a produção teórica de Candido, como as de Tristão de Ataíde e Afrânio Coutinho, para citar algumas, quanto àquelas que as sucedem, como é o caso dos estudos de Mônica Pimenta Velloso, Luís Augusto Fischer e Flora Sússekind. Sobre os últimos, fazemos aqui referência a uma das novas tendências dos estudos literários – da qual essa pesquisa é herdeira – que visa uma maior compreensão dos períodos pré-modernista, modernista, e da própria modernidade brasileira, sem para isso ter como parâmetro apenas o modernismo paulista da Semana de 22 (com seus representantes, teóricos e críticos). Candido, como procuraremos demonstrar, não publicou extensos trabalhos para sistematizar a produção pré-modernista ou modernista, ao menos, não no nível de *Formação*, porém, produziu análises bem elaboradas e diversificadas sobre os períodos, que podem ser encontradas em alguns de seus artigos e ensaios, como é o caso de *Literatura e cultura de 1900 a 1945: panorama para estrangeiro*, hoje publicado em *Literatura e Sociedade*, e *Plataforma da nova geração*, em *Textos de intervenção*, textos com os quais esse artigo dialoga.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-modernismo. Antonio Candido. Historiografia literária.

Vanessa de Paula Hey
vani_de_paula@hotmail.com
Universidade Federal do Paraná, Curitiba,
Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

Situado entre dois grandes movimentos literários, o Romantismo e o Modernismo, aquilo que a historiografia literária convencionou a chamar de Pré-modernismo ou literatura Pós-romântica parece não ter lugar propriamente definido na Literatura Brasileira. Aos autores como Monteiro Lobato, Afrânio Peixoto, Afonso Arinos, Hugo de Carvalho Ramos, Hilário Tácito, Benjamin Costallat, Júlia Lopes de Almeida, Lima Barreto e Euclides da Cunha, para citar alguns dos que estão inseridos nessa ‘fase cronológica’, reservam-se, até hoje, nos estudos literários, designações como pós-romântico e/ou pré-modernista. É como se esses autores estivessem num limbo de desprestígio perante um *hall* de grandes artistas (LAJOLO, 1987, p. 40) – aqueles que os antecederam e os sucederam.

O presente artigo se propõe a investigar e refletir sobre a maneira como Antonio Candido analisou o período literário que ficou conhecido pela historiografia literária brasileira como Pré-modernismo. Para tanto, recorre-se, de início, a uma rápida síntese do termo e de seus significados em nossa crítica literária. Essa prévia sondagem procura entender a configuração das principais características atribuídas ao movimento e, o quanto e de que maneira, elas se aproximam ou se distanciam das acepções desse que foi um dos maiores críticos da literatura brasileira.

Em seguida, serão confrontados seus pontos de vista com as de uma nova tradição crítica – que vem ganhando força nos estudos culturais das últimas décadas e que busca uma maior compreensão dos períodos pré-modernista, modernista, e da própria modernidade brasileira. Esta tradição tem, entre os seus objetivos, acessar níveis mais profundos da discussão, considerando a pluralidade e a diversidade de produções artísticas e culturais da época.

1. BREVE HISTORIOGRAFIA CRÍTICA DO PRÉ-MODERNISMO BRASILEIRO

Termo cunhado inicialmente em 1939, por Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), Pré-modernismo foi um período marcado, segundo o autor, pelo ecletismo, uma vez que abrangeu uma diversidade de produções sem se deixar caracterizar predominantemente por nenhuma delas – referência aqui à coexistência de simbolistas, parnasianistas, naturalistas e realistas (LIMA, 1958, p. 58).

Em consonância com as ideias de Tristão de Ataíde, Afrânio Coutinho também não confere às produções anteriores ao Modernismo, as quais chama de precursoras, independência ideológica e estética, que permitiriam validar a formação de um movimento literário, ou escola literária. Para ele, assim como para seu precursor, o Pré-modernismo teve relevância quando posto em relação com a estética que o sucedeu, funcionando mesmo como uma espécie de manifestação subsidiária ou fase preparatória: “a importância da fase é inegável, pois ela traria a transformação que se processava e que desaguará no Modernismo” (COUTINHO, 1975, p. 18). Dessa forma, as obras que pertenceram cronologicamente ao período, as duas últimas décadas do século XIX e ao primeiro quartel do século XX, foram concebidas pela junção de estéticas do período (parnasiana, simbolista, decadentista, impressionista, realista e naturalista) e, também, pela proximidade temática que apresentavam com o Modernismo.

Em *A literatura brasileira: o pré-modernismo*, Alfredo Bosi analisa o termo pré-moderno em duas acepções que julga não serem “sempre coincidentes” (BOSI, 1969, p. 11). A primeira, mais conservadora, atribui ao prefixo ‘pré’ um sentido “meramente temporal de anterioridade” (BOSI, 1969, p. 11) que, ao mesmo tempo em que engloba as obras literárias anteriores ao Modernismo, designa a sua distância em relação ao movimento. Inclui-se nela a produção literária que recebeu a etiqueta de ‘neo’: o neoparnasianismo, o neossimbolismo, o neorealismo e o neonaturalismo. Para José Murilo de Carvalho, essa literatura ainda estava presa aos produtos e modelos europeus, distante da busca e representação da diversidade cultural do país, indiferente às manifestações populares de sua época (CARVALHO, 1988, p. 19).

Quanto a segunda acepção, esta com características mais renovadoras, dado que, ao contrário da primeira, se aproxima do movimento modernista, antecipando muitos de seus projetos e ideias, pode-se afirmar que ela apresenta um viés mais estético, servindo para denominar “tudo o que rompe, de algum modo, com [a] cultura oficial, alienada e verbalista, e abre caminho para as sondagens sociais e estéticas retomadas a partir de 22” (BOSI, 2006, p. 197). O crítico destaca, então, aquelas poucas produções que, a seu ver, se alinharam a esta proposta: “a incursão de Euclides da Cunha na miséria sertaneja, o romance crítico de Lima Barreto, a ficção e as teses de Graça Aranha, as pesquisas de Oliveira Viana, as campanhas nacionais de Monteiro Lobato” (BOSI, 2006, p. 197). Para Bosi, com a exceção desses poucos autores, ainda que com seus limites, esse período “intervalar” não foi capaz de “mover as águas estagnadas de uma cultura a reboque, estando eles próprios imersos no clima de Decadentismo europeu” (BOSI, 2006, p. 197). Desta forma, foram chamados de pré-modernistas aqueles que anunciam em suas obras “as tensões que sofria a vida nacional” (BOSI, 2006, p. 307) e problematizaram questões como a da identidade nacional, e a da realidade social e cultural brasileira (BOSI, 2006, p. 306).

2. O PRÉ-MODERNISMO SEGUNDO ANTONIO CANDIDO

Para analisarmos o pensamento crítico de Antonio Candido no que se refere a sua postura frente ao Pré-modernismo, faz-se necessário lembrar antes sobre a forma como o próprio autor concebia o seu papel, a saber, o de intelectual responsável pela renovação da mentalidade intelectual realizada pelo movimento modernista e que, segundo o crítico, configurou-se em uma exigência histórica do momento:

É preciso compreender que o surto dessa tendência para o estudo corresponde em nós a uma imposição da necessidade social de crítica. É a necessidade de pensar as coisas e as obras, inclusive as que você e os seus companheiros fizeram, sem compreender bem o que estavam fazendo, como é de praxe. (CANDIDO, 2002, p. 241)

As atitudes críticas desveladas em seu trabalho analítico para com a literatura brasileira refletem essa “necessidade social da crítica” e a tarefa a que se auto incumbia de renovador da crítica e historiografia literária, que se estenderiam, como seus mais diversos trabalhos de pesquisa comprovam, para além do Modernismo. Diria ele, em *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, que “toda a crítica viva – isto é, que empenha a personalidade do crítico e intervém

na sensibilidade do leitor – parte de uma impressão para chegar a um juízo, e a histórica não foge a esta contingência” (CANDIDO, 2013, p. 33).

Na “Introdução” de Formação, capítulo 3, intitulado “Pressupostos”, Candido esclarece ser este um livro de história literária, fato que implica na adoção de um ponto de vista histórico como método legítimo de se estudar literatura, pressupondo, com isso, que “as obras se articulam no tempo, de modo a se poder discernir uma certa determinação na maneira por que são produzidas e incorporadas ao patrimônio de uma civilização” (CANDIDO, 2013, p. 31). Esse pressuposto refuta tanto o procedimento adotado pelo esteticismo, de subverter a literatura a episódios de investigação da sociedade (“como meros documentos, sintomas da realidade social”), quanto o movimento formalista, que busca “reduzir a obra aos fatores elementares” (CANDIDO, 2013, p. 31). Em movimento, ao mesmo tempo diverso e agregador, que considera o “papel da obra no contexto histórico, utilizando este conhecimento como elemento de interpretação”, Formação procura assimilar o “fenômeno literário da maneira mais significativa e completa possível, não só averiguando o sentido de um contexto cultural, mas procurando estudar cada autor na sua integridade estética” (CANDIDO, 2013, p. 31).

A “crítica viva”, método adotado por esse autor, não apenas em Formação, realiza o seu movimento em três etapas: percepção, compreensão e avaliação. A primeira delas visa exprimir impressões ou sugestões suscitadas pela leitura da obra literária, e tem na receptividade individual e na intuição suas principais ferramentas. É a partir desse elemento perceptivo e intuitivo preliminar que um julgamento, ou juízo, será emitido, dele sairá uma avaliação racional sobre o objeto de estudo: “o orgulho inicial do crítico, como leitor insubstituível, termina pela humildade de uma verificação objetiva, a que outros poderiam ter chegado, e o irmana a lugares-comuns do seu tempo” (CANDIDO, 2013, p. 33). A compreensão, ou “trabalho analítico intermediário”, configura-se, então, entre essas duas etapas, como o exercício crítico propriamente dito, que inclui o ofício assíduo de elaboração, análise e comparação, “a fim de que o arbítrio se reduza em benefício da objetividade, e o juízo resulte aceitável pelos leitores” (CANDIDO, 2013, p. 33). O crítico é, portanto, constituído pelo “esforço de compreender, para interpretar e explicar”; ele procurará, então, na obra, “uma fonte de emoção e termina[rá] avaliando o seu significado” (CANDIDO, 2013, p. 33).

Diferentemente do que ocorre em Formação, no qual há um estudo longo, detalhado e metodizado que trata de historiar os momentos decisivos que marcaram a formação da literatura nacional¹, como o próprio subtítulo do livro deixa entrever, Antonio Candido não publicou extensos estudos para sistematizar a produção pré-modernista ou modernista, ao menos, não no nível de Formação. Porém, é possível encontrar análises e articulações bem elaboradas e diversificadas sobre os períodos em alguns de seus ensaios e artigos; ainda que muitos deles se aproximem de uma apresentação e investigação de caráter panorâmico dessas mesmas estéticas e de seus contextos históricos, políticos e sociais.

É o que acontece, por exemplo, em Literatura e cultura de 1900 a 1945: panorama para estrangeiro, texto publicado inicialmente nos anos 50 e, mais tarde, integrado à obra Literatura e sociedade (2000/1965). Nele se fazem presentes as preocupações do crítico quanto à formação de um sistema literário,

motivo pelo qual ele principia seu texto discorrendo sobre a dialética do localismo e do cosmopolitismo:

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos [...] Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma da expressão) (CANDIDO, 2010, p. 117)

À questão sobre a dialética do dado local (conteúdo) e os moldes herdados da tradição europeia (expressão) não se reserva apenas as páginas introdutórias deste ensaio, mas também às discussões encetadas por Candido em *Formação* – obra escrita na mesma época –, que tem entre suas propostas “estudar a formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particulares” (CANDIDO, 2013, p. 25). Tal dado deixa em evidência que esta questão estava entre as inquietações do crítico naquele momento.

Após refletir sobre essa dialética e explicitar as suas tendências – de um lado, a busca de um nacionalismo literário, de outro, a imitação consciente dos padrões europeus –, o autor estabelece como momentos de equilíbrio entre as duas as produções de autores como Gonçalves Dias, Machado de Assis e Mário de Andrade, para, em seguida, apresentar as relações de nossa literatura com a portuguesa, que se configuram como manifestações particulares dessa dialética, e, também, como uma espécie de peça-chave nesta discussão.

Segundo afirma Candido, o diálogo com Portugal, que apresenta diferentes momentos, teria sido uma das formas pelas quais tomamos consciência de nós mesmos. De início, não nos distanciávamos muito de sua influência, mas, à medida que passamos ao entendimento de nossa diversidade, ao mecanismo de influência e trocas culturais, nos opusemos, num movimento de autoafirmação e autodefinição (CANDIDO, 2010, p. 118). Nessa fase de rebeldia, uma das marcas de nosso Romantismo, houve uma verdadeira negação dos valores portugueses que, com o tempo, foi se enfraquecendo até não importar mais.

Entre os momentos, considerados pelo crítico como decisivos, em que a “velha pátria-mãe deixa de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado” (CANDIDO, 2010, p.119), está o Modernismo (1922-1945), movimento que se posiciona contrariamente a todo academicismo, inclusive aquele produzido no Brasil nas duas primeiras décadas do século XX.

Para Candido, portanto, a literatura desse novo século pode ser dividida em três etapas: “a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945, e a terceira começa em 1945” (CANDIDO, 2010, p. 120). Porém, essa primeira etapa estaria fortemente vinculada ao que o crítico nomeia de período pós-romântico e se estenderia, na verdade, de 1880 a 1922. Além disso, ela estaria apartada das outras duas por não integrar o “período novo”, momento marcado pelos modernismos, porque, segundo ele, “o século literário começa [...] com o Modernismo (CANDIDO, 2010, p. 120).

Essa espécie de desdém para com o período “pós-romântico” parece se irmanar ao sentimento e a algumas das ações do grupo modernista em relação às muitas das produções literárias que os antecederam (ao menos frente àquelas que os precedem de forma imediata). Entre elas, as atitudes hostis para com o autor Monteiro Lobato.

Em algumas crônicas e artigos escritos pelos integrantes do Modernismo paulista (entre eles: Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade), e publicados pelos jornais *Correio Paulistano* e *Jornal do Comércio*, Lobato é chamado de conservador e opositor do movimento modernista (CHIARELLI, 1995). Esse conflito que se inicia com a questão Malfatti, estende-se para além dele, como afirma Marisa Lajolo em seu artigo *O regionalismo lobatiano na contramão do modernismo* (1987). Nele, a autora sustenta o argumento de que representar a realidade interiorana, com seus jecas, parecia ao Modernismo ultrapassado, equivalia a estar na contramão do movimento (p. 40). É, então, nesse momento de consolidação dos ideais modernistas que interessava como estratégia romper publicamente com uma figura como a de Monteiro Lobato, considerando o escritor um antagonista do Modernismo, pois, de acordo com as vanguardas, esse mantinha ideias antiquadas face ao movimento revolucionário (CHIARELLI, 1995, p. 27). Além disso, acrescenta-se o fato de Lobato ter se tornado regionalista às vésperas da maior expressão artística-cultural já vista no país até aquele momento – a Semana de Arte Moderna de 1922 (LAJOLO, 1987, p. 40). Afinal, importava ao Modernismo fixar o rompimento com o passado e, em consequência, a ruptura com a tradição e conservadorismo por ele carregado.

A atenção dos modernistas estava voltada, portanto, para a celebração da libertação e experimentação estética, e para a independência cultural do país. Eles pensavam na nação sob o foco do cosmopolitismo.

Ao acatar e valorizar os ideais modernistas, quase como num gesto de reverência às escolhas e aos rumos tomados pelo movimento, elegendo-o como momento decisivo de nossa literatura, Candido demonstra suas preferências, estas que vêm acompanhadas do estabelecimento de uma hierarquia dentro de nosso sistema literário, que tende a favorecer e a avaliar positivamente tanto as produções que adotaram os pontos de vistas disseminados pelos primeiros modernistas, quanto as obras representativas de seus ideais.

É em relação a este movimento, e à literatura romântica, que Candido compreende o que denomina de período “pós-romântico”, com o qual o Modernismo afirma estabelecer ruptura direta. Para ele, as produções desse período podem ser entendidas como uma literatura de permanência (CANDIDO, 2010, p. 120), que, por estar acomodada e realizada com seus próprios feitos, não apresenta inquietações, não destoando, portanto, – se considerarmos, por exemplo, o ponto de vista formal – daquilo que havia sido desenvolvido pela literatura brasileira até então. O pós-romantismo estaria, assim, a conservar e organizar planos estilísticos concebidos logo após a estética romântica, na busca de equilíbrio e estabilidade (em contraposição à descontinuidade efetuada pelos modernistas); o que conferiria a essa literatura um aspecto inerte ou de estagnação. Sobre ela, o crítico dirá ainda que: “sua única mágoa é de não parecer de todo europeia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academicismo” (CANDIDO, 2010, p. 120).

As obras que fizeram parte desse período, cada qual com a sua especificidade, pertenceram às mais variadas correntes literárias, porém, nenhuma delas, segundo o crítico, alcançou os feitos da nova literatura – representada pelo Modernismo.

No Naturalismo, por exemplo, salvo as obras produzidas por Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha, que apresentavam forte viés determinista e, por isso, eram muito apreciadas, o produto característico dessa vertente literária passa a ser “o romance ameno, picante, feito com alma de cronista social para distrair e embalar o leitor”, formado “pela confluência do que há de mais superficial em Machado de Assis, da ironia amena de Anatole France e dos romances franceses do Pós-naturalismo, sentenciosos, repassados de sexualismo frívolo” (CANDIDO, 2010, p. 121). Para o crítico, são representativas dessa corrente, em diferentes escalas e graus de associação, as obras de autores como Afrânio Peixoto, Léo Vaz, Veiga Miranda, Hilário Tácito, Théó Filho e Benjamin Costallat.

O regionalismo, por sua vez, manifesta-se, diferentemente do regionalismo romântico, através do “conto sertanejo”. Ele se apresenta, de acordo com o parecer do crítico, como um

Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Esse meio foi o conto sertanejo, que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito ideias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético (CANDIDO, 2010, p. 121).

Esse tipo de postura pode ser encontrado, segundo Candido, nas obras de Catulo da Paixão Cearense, Cornélio Pires, Valdomiro Silveira e Coelho Neto (em *Sertão*). Tradição que se inicia com uma obra que traz importantes divulgações relacionadas ao estudo da etnografia e do folclore, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, a seu ver, fracassa na medida em que não consegue “corresponder ao interesse então multiplicado pelas coisas e os homens do interior do Brasil, que se isolavam do retardamento das culturas rústicas” (CANDIDO, 2010, p. 121). É apenas com o Modernismo que a visão de Euclides seria redescoberta e renovada, deixando de lado os aspectos pitoresco e exótico que marcaram essa estética regionalista.

No âmbito da poesia, representada pelas estéticas parnasiana e simbolista, também não fizemos, conforme afirma Candido, muito progresso (CANDIDO, 2010, p. 121). Enquanto a primeira pouco acrescentou de essencial à nossa poesia, acentuando a sua inclinação para com a retórica, e desvelando, através dela, uma expressão prosaica e ornamental; a segunda, “projeção final do espírito romântico” (CANDIDO, 2010, p. 122), apresenta, apesar de original, uma limitada representatividade – vê-se manifestada, por exemplo, apenas nas obras de Cruz e Sousa e Alphonsus Guimaraes.

Para Candido, todas essas tendências literárias do período, considerando-se tanto a poesia quanto a prosa, expressam um Naturalismo acadêmico, marcado pela convenção do uso de formas mais visíveis, plásticas e regulares, sendo, sobretudo, “uma conservação de formas cada vez mais vazias de conteúdo” (CANDIDO, 2010, p. 126), uma vez que inclinados a uma postura mais científica do

que estética – o que teria comprometido o desenvolvimento de diversas temáticas, entre elas, a regional.

O Modernismo, como movimento artístico-literário, estaria a romper com essas correntes ao instaurar uma nova fase na dialética do universal e do particular, “inscrevendo-se neste com força e até arrogância, por meio de armas tomadas a princípio do arsenal daquele” (CANDIDO, 2010, p. 126). As tendências universalistas e particularistas, como já vimos, configuram-se como ponto central das discussões de Candido sobre a formação da literatura brasileira e do sistema literário. No que diz respeito a elas, ao afirmar que o Modernismo inicia um novo momento dessa dialética, está implícito que o crítico não acredita que tal feito tenha sido alcançado pelo período literário anterior.

No Modernismo, retomam-se, no plano temático e formal, aspectos que ainda fluíam na literatura pós-romântica, entre eles: a pesquisa lírica (como uma espécie de continuidade do Simbolismo), a reflexão sobre o destino do homem, em especial, a do homem brasileiro, e a busca por uma ideologia. Havia, ainda, entre os primeiros modernistas, “o culto do pitoresco nacional, o estabelecimento de uma expressão inserida na herança europeia e de uma literatura que exprimisse a sociedade” (CANDIDO, 2010, p. 126). Porém, esta retomada, de acordo com Candido, revela-se, na verdade, como uma ruptura, uma vez que importa essencialmente ao movimento “a libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária”, assinalando, com isso, o término da posição de inferioridade do Brasil frente a Portugal, diálogo que o movimento não considera mais, sendo este o aspecto que define a “originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular” (CANDIDO, 2010, p. 127).

3. PRÉ-MODERNISMO: NOVOS OLHARES

Percebe-se, a partir dessas considerações, que, para Antonio Candido, a avaliação dos significados das obras pós-românticas (ou pré-modernistas) e o impacto que elas causaram não apenas em seu contexto de produção estão, em grande parte, atrelados à leitura que o crítico faz do movimento modernista, como se a análise da chamada fase transitória ou precursora fosse dele codependente, realizando-se, portanto, em perspectiva (isto é, em relação ao Romantismo e ao Modernismo). Isso porque muito daquilo que o crítico pouco aprecia nos pós-românticos ainda se faz presente na literatura modernista – entre eles: os empréstimos estrangeiros (referência à influência que as vanguardas europeias exerceram sobre o movimento), o primitivismo, e o caráter pitoresco na expressão de nossa identidade cultural –, como ele mesmo reconhece. O que muda, então, é a maneira como ele percebe e analisa estes mesmos aspectos, de forma conservadora e retrógrada quando presente nas correntes anteriores, de forma inovadora quando incorporados à estética modernista: “as nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades” (CANDIDO, 2010, p. 127) pelo Modernismo, e os empréstimos, quando ocorrem, se revestem “de caráter bastante diverso dos anteriores” (CANDIDO, 2010, p. 128).

Poderíamos dizer que Candido não dedica, portanto, um estudo exclusivo ao pré-modernismo. Quando sobre ele discorre, o faz para antecipar a discussão que parece realmente lhe importar, a saber, a discussão sobre o movimento

modernista, fazendo com que as correntes que o antecederam sejam pouco valorizadas, não apenas em relação ao Modernismo, mas também, em nosso sistema literário como um todo.

Longe de afirmarmos que o autor não se dedica ao estudo e à análise das obras do pré-modernismo, observamos que, quando o faz, tem em vista a maior compreensão do próprio movimento modernista. Como se aquele lhe servisse de referência, já que se configura como um projeto ainda não executado em sua totalidade. É a partir da comparação entre esses dois períodos que o crítico exaltar os grandes feitos do Modernismo, com vistas a consagrar definitivamente a importância desse movimento em nossa Literatura.

As atitudes críticas de Antonio Candido frente ao Pré-modernismo não diferem muito, como podemos ver, dos posicionamentos teóricos assumidos por Tristão de Ataíde, Afrânio Coutinho ou, mesmo, Alfredo Bosi. Tais perspectivas são, inclusive, ainda hoje, adotadas por grande parte da crítica literária brasileira como ponto de partida para a discussão das produções literárias ditas pré-modernistas e modernistas.

Apesar disso, vem se tornando representativa nos estudos literários, históricos e culturais uma tradição crítica que revisita o Modernismo paulista de 1922, buscando, com isso, analisar obras até então negligenciadas por essa estética e seus defensores. Esta tradição, que não deixa de reconhecer a importância do movimento modernista no âmbito literário-cultural brasileiro, não toma a Semana e os seus representantes como os únicos a pensarem a modernidade brasileira, reconhecendo, desta maneira, a existência de outras visões sobre a literatura e sociedade brasileiras. Representam-na, entre outros, críticos como Flora Süssekind, Mônica Pimenta Velloso e Luís Augusto Fischer.

Para Süssekind (1987), os novos estudos sobre a literatura brasileira dessa época propõem novas formas de olhar, ler e interpretar essa produção literária da virada do século e dos dois primeiros decênios do século XX. Tais formas levam em conta as mudanças nos padrões de percepção e de sensibilidade da sociedade, produzidas e estimuladas pelo ritmo da vida moderna, que se intensificava cada vez mais durante o período.

Mônica Pimenta Velloso (2010), por sua vez, lê o Modernismo por um viés mais plural e complexo, preferindo, portanto, adotar o termo: “modernismos”. Essa releitura contribui para o entendimento da temporalidade múltipla que, segundo ela, marcava a brasilidade – referência à coexistência do arcaico e do moderno nas produções artísticas brasileiras. Para a autora, a brasilidade, ou a identidade nacional, configura-se sempre como uma construção, sendo assim, ela nunca será consensual, uma vez que diferentes grupos de escritores, artistas e/ou intelectuais construirão imagens distintas a respeito dela – cada qual a sua maneira irá selecionar aspectos da identidade nacional para valorizar, depreciar, ocultar, rechaçar ou recalcar. Essa brasilidade se apresenta, então, através de uma variedade de aspectos.

Similarmente, Luís Augusto Fischer critica a centralidade atribuída ao movimento modernista quanto às produções culturais brasileiras e à exaltação/culto permanente aos seus feitos:

Fechado este abraço que a força histórica comandada por São Paulo ia dando, nada restou fora de seu alcance: o modernismo, aquele exclusivamente ligado à Semana de 22 segundo a depuração que podemos chamar, sem maior rigor, de tropicalista (que excluiu os Menotti del Picchia e os Graça Aranha do cenário), **o modernismo agora era a lente certa e única para ler tudo, do começo ao fim**: da formação colonial, agora ressubmetida a avaliação, até o futuro, que já tinha sido alcançado e era, então, mera decorrência do que já estaria, para sempre, previsto e mesmo desempenhado pelos mártires do novo panteão (2013, p. 6, grifo nosso).

O autor afirma que a crítica passou a viver uma espécie de “aporia conceitual”, em que tudo aquilo que tem valor em nossas produções artísticas só pode ser modernista, transformando o movimento em uma espécie de parâmetro para todas as produções do século XX, século XXI, e mesmo dos períodos anteriores. É o que se vê ainda hoje, por exemplo, reproduzido em sequências didáticas de livros escolares, nelas se apresentam, em ordem, os ditos períodos: pré-modernismo, modernismo e pós-modernismo. Para o crítico, adotar essa proposta, configura-se em afirmar que “todas as tentativas de invenção, em todos os campos [...], seriam quando muito atualizações de propostas ou de ações ou de desejos já plenamente configurados ou em Mário ou em Oswald” (FISCHER, 2013, p. 6). Em que todo o resto, fora da alçada modernista, passa a ser considerado regressivo, conservador, caipira, regionalista, ou qualquer outra alcunha depreciativa.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Em linhas gerais, Flora Süssekind, Mônica Pimenta Velloso e Luís Augusto Fischer consideram que a supervalorização do Modernismo paulista e da Semana de 1922 (entendida de forma anacrônica como um evento de cunho anunciador, libertador e prometeico) produziu um apagamento de boa parte da literatura regionalista, decadentista, simbolista e parnasiana – estéticas distintas que acabam sendo reunidas sob o rótulo simplificador do pré-modernismo ou pós-romantismo. Perdem-se, com isso, as especificidades de cada uma dessas correntes, assim como, as conexões que elas poderiam estabelecer com o moderno.

Esses críticos se opõem, nesse sentido, a alguns dos pressupostos presentes nas análises de Candido desse período, sem, no entanto, deixar de com elas dialogar, uma vez que muitas delas serviram de ponto de partida para as suas reflexões, tais como: as mudanças nos padrões de percepção e de sensibilidade da sociedade, percebida por Candido, mas que, diferente dele, Süssekind afirma ter começado antes da “consolidação” do movimento modernista; a coexistência, segundo Velloso, do arcaico e do moderno nas produções artísticas brasileiras tanto do pré quanto do modernismo; e a tomada do modernismo como parâmetro para as demais produções artísticas brasileiras, anteriores ou posteriores ao movimento – postura assumida por Candido, e repetida sem muitos questionamentos por vários de seus seguidores em suas discussões sobre o período –, e que aparece em Fischer analisada e posteriormente questionada.

Definir o panorama artístico intelectual brasileiro da virada do século XIX para o XX a partir dessa ideia de “vazio cultural” (VELLOSO, 2010, p.22) – representado pelas produções ditas pré-modernistas – é, em certa medida, dissipar a pluralidade

e heterogeneidade de aspectos da literatura desse período, e é, portanto, desconhecer ou ignorar o caráter ambíguo e complexo das literaturas produzidas nessa época.

The “cultural void” or pre-modernism in Antônio Candido

ABSTRACT

This article aims to analyze the way in which Antonio Candido, one of the most renowned critics and essayists of our literature, historiographed and analyzed the period known by literary studies as pre-modernism and/or post-romantic period. This study has among its objectives to understand the main characteristics attributed by the critic to this 'movement', as well as to understand how they approach or distance themselves from other analyzes carried out on the period – both those that precede Candido's theoretical production, as the ones by Tristão de Ataíde and Afrânio Coutinho, to name a few, as to those that follow them, as it is the case of studies by Mônica Pimenta Velloso, Luís Augusto Fischer and Flora Sússekind. Regarding the latter, we refer here to one of the new trends in literary studies – to which this research is heir – which aims at a greater understanding of the pre-modernist and modernist periods, and of Brazilian modernity itself, without having as a parameter only the São Paulo Modernism of Semana de 22 (with its representatives, theorists and critics). Candido, as we will try to demonstrate, did not publish extensive works to systematize pre-modernist or modernist production, at least not at the level of *Formation*, however, he produced well-elaborated and diversified analyzes of the periods, which can be found in some of his articles and essays, such as *Literature and Culture from 1900 to 1945: Panorama for Foreigners*, today published in *Literature and Society*, and *Plataforma da nova generation*, in *Textos de Intervenção*, texts with which this article dialogues.

KEYWORDS: Pre-modernism. Antonio Candido. Literary historiography.

NOTAS

¹ Em *Formação*, Candido vê o Arcadismo (universal e convencional) e o Romantismo (que visa o máximo da individualização) sob o signo unificador da Independência nacional em processo. Com níveis diferentes de patriotismo, os dois movimentos se integram à gravitação da independência nacional, à tarefa de criar um país que participasse da cultura comum do Ocidente e que guardasse fisionomia própria. A continuidade do movimento (árcade para romântico) foi uma tese dos próprios românticos que viam aqueles como seus predecessores. Há aí, então, uma unidade (SCHWARZ, 1999).

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O pré-modernismo**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Plataforma da nova geração”. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p. 237-250.

_____. “Literatura e cultura de 1900 a 1945: panorama para estrangeiros”. In: **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 117-145.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

CARVALHO, José Murilo. **Sobre o pré-modernismo**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CHIARELLI, Tadeu. **Um Jeca nos vernissages: Monteiro Lobato e o desejo de uma Arte Nacional no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução a literatura no Brasil**. 7. ed. Rio de Janeiro: Distribuidora de livros escolares, 1975.

FISCHER, Luís Augusto. “Refêns da modernistolatria”. In: **Revista Piauí**, n.80, maio de 2013. p. 60-63.

LAJOLO, M. **O regionalismo lobatiano na contramão do modernismo**. Trabalho apresentado na 36. Reunião anual da SBPC, São Paulo, 1987.

LIMA, Alceu Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **História e modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Recebido: 21 set. 2021

Aprovado: 03 nov. 2021

DOI: 10.3895/rl.v23n43.14748

Como citar: HEY, Vanessa de Paula. O “vazio cultural” ou o pré-modernismo em Antônio Candido. *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 43 p. 98-111, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

